

POÉTICAS HÍBRIDAS: UM EXPERIMENTO DE PINTURA E PROJEÇÃO MAPEADA.

Darli Nuza¹
Arte e Tecnologia | UnB

Resumo

Discorrendo a respeito do termo hibridismo e seus conceitos, este artigo traz reflexões e práticas a respeito das hibridizações entre arte e novas tecnologias. Por meio de experimentações, é pesquisado especificamente, o encontro das vertentes: pintura e projeção mapeada. Analisa-se também, a mistura de técnicas e conceitos dessas linguagens e suas aberturas. Através dessas poéticas, busca-se ponderar sobre criações híbridas, ressaltando assim, os desdobramentos na arte, ao mesclar e compor com os novos recursos contemporâneos.

Palavras -chave: hibridismo, poéticas híbridas, pintura, projeção mapeada.

Resumen

Discutir sobre el término hibridación y sus conceptos, este artículo presenta reflexiones y prácticas sobre las hibridaciones entre arte y nuevas tecnologías. A través de la experimentación, se investigó específicamente, la reunión de los ejes de actuación: la pintura y la mapeo de proyección. También se analizan las técnicas de mezcla y los conceptos de estas lenguas y sus aberturas. A través de estos poética, pretende reflexionar sobre creaciones híbridas, que pone de relieve los avances en el arte, combinar y componer con nuevos elementos contemporáneos.

Palabras clave: hibridez, poética híbrido, pintura, proyección de mapeo.

As proposições a seguir apresentam algumas experiências alcançadas durante o processo de pesquisa intitulado poéticas híbridas. Busco expor alguns conceitos a respeito desta temática e o processo criativo até aqui desenvolvido.

Em tempos de intensas conjecturas nos diversos campos da arte, vemos a diversidade de produções artísticas que alargam – sobressaem e também sofrem supressões - acrescentando e intervindo cotidianamente o falar, o ver, o ouvir, o sentir. Inúmeras linguagens artísticas atravessam cotidianamente todos os sentidos do homem. A propaganda, a música, o som, o cartaz, a intervenção e o vídeo, são algumas das maneiras que embebem esses sentidos.

Talvez o modo diverso em que essas linguagens se configuram, seja um dos motivos pelas quais são propostas com tanta intensidade, e de alguma forma alcança com veemência os vários sentidos do ser humano. O vídeo por exemplo, incita a visão, a audição, que por sua vez pode reverberar em todos os outros sentidos. Esse círculo de sensações, fora por sua vez, provocados por uma linguagem que também se configura de maneira circular. Este círculo se compôs através da fotografia, do som, do filme, de equipamentos, além da subjetividade embutida neste processo. Encontra-se intrínseco, nesta linguagem; técnicas, conceitos e um histórico que revela sua

¹ darlinuza@gmail.com | Mestranda da Pós-Graduação em Artes Visuais | UnB, Linha de Pesquisa: Arte e Tecnologia. Orientação da Profª Dr. Virgínia Tiradentes.

estrutura. No caso do vídeo, percebe-se a presença da fotografia, ferramentas, técnicas e questões conceituais para construção de uma nova proposta. Como Pollock afirmara: novas necessidades exigem novas técnicas².

Assim a linguagem vai sendo constituída. Algumas se desenvolvem através das junções, contando inclusive com outros campos, em função de desdobramentos, de inovações. As linguagens se tornam circulares - ou seja, são aliadas umas as outras para funcionamento de uma terceira - que se tornam líquidas, não mais fragmentadas, compartimentadas. Concomitantemente, bebem de outras fontes e possuem aberturas que admitem que outras linguagens também as perpassem, em busca de permutações.

Desta maneira, temos alguns pontos a observar³: primeiro, linguagens solidificadas, muitas vezes consideradas fechadas pela sua composição tradicional ao longo da história. Segundo: algumas das necessidades que pulsam a arte: criação e experimento - condições estas que ultrapassam os limiares e abarcam outros campos pra si. Terceiro, o resultado do encontro destes dois limites: o tradicional e o diverso em prol do experimento. E por último, as inúmeras probabilidades pós experimentos.

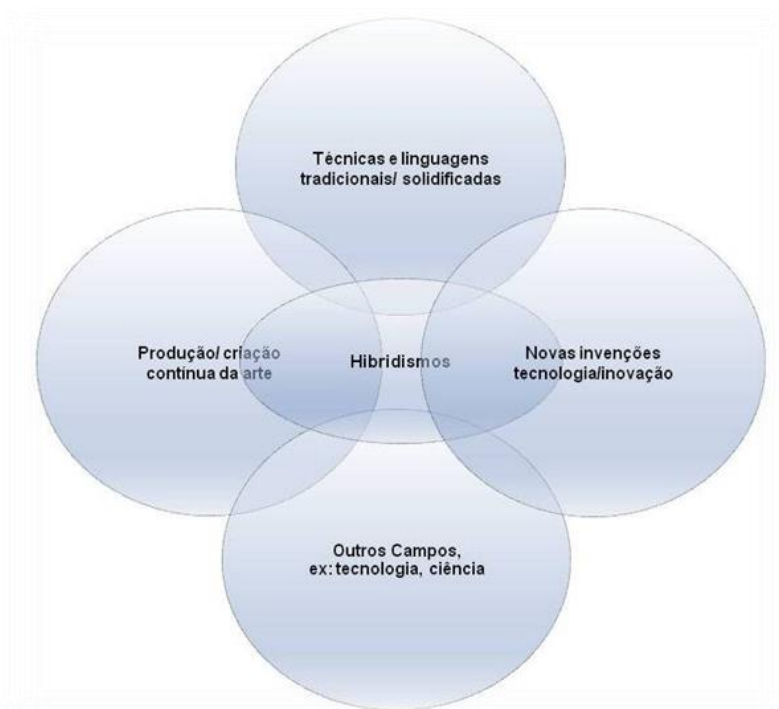


Fig. 1

A Partir dessas observações, chegamos ao cerne desta escrita: a mistura dessas linguagens. E é deste mesmo objeto que também partimos para as futuras proposições. Como se dão esses círculos/linguagens, já embebidos de outras composições? E suas novas proposições, a partir de suas misturas? Quando se trata

² Declaração de Jackson Pollock, em: Wood, Paul [et alii]. *Modernismo em disputa: a Arte desde os Anos 40*. São Paulo. Cosac Naify. 1998.

³ Observar figura 1.

especificamente, dessas misturas, os campos se apresentam vastos. Logo, vale salientar que, as vertentes aqui propostas, foram elegidas do campo da arte e da tecnologia.

De imediato, procurarei abordar conceitualmente os itens especificados nos círculos acima. Não compartimentá-los, mas apontar algumas peculiaridades que os distinguem ao mesmo tempo em que, aproximam e os misturam. As linhas tênues entre as vertentes podem ser expostas, ao que - muitas vezes - apresentam mais do que dúvidas: expõem possibilidades.

1.1 Hibridismo em questão: Terminologias, conceitos e tráficos

Antes de abordar os processos e resultantes, faz-se necessário conhecer e perpassar conceitualmente pelas vertentes e linguagens utilizadas nesta pesquisa. Observar o cerne destes termos auxiliarão na compreensão dos mesmos, e claro, na justificativa de seus empregos.

A Gênese desta escrita é baseada em um termo que coloca vertentes – aparentemente distintas – pertencentes ao mesmo espaço circular. Justo é, iniciar o trajeto sobre esses contextos a partir desta terminologia.

O termo Hibridismo - usado para denominar as poéticas artísticas aqui propostas - abre um leque de probabilidades teórico/prática, além de levantar questionamentos cada vez mais densos sobre sua empregabilidade. Através desta terminação é pensado os conceitos, os questionamentos, as ideias, as experimentações que darão corpo a esta produção, e vice-versa.

Partindo então desta nomenclatura que abarca as artes e as produções aqui tratadas: abordo a definição de híbrido discutida em outras áreas, mas que por travessias, permeia a área da criação artística. Considero de grande valia, abordar o hibridismo nas artes considerando as mudanças híbridas que ocorrem fora dela. As mudanças e misturas que ocorrem nas artes, muitas vezes, é decorrência de combinações em outros campos. Afinal, é válido salientar que, os diversos campos da vida humana, separados terminologicamente e por "áreas", são sim interligados, e dependem entre si.

Caracteriza-se como *híbrido* o que participa de dois ou mais conjuntos, gêneros ou estilos. Considera-se híbrida a composição de dois elementos diversos reunidos para originar um terceiro elemento que pode ter as características dos dois primeiros reforçadas ou reduzidas. Etimologicamente, a palavra sofre algumas dissensões: vinda do grego ὑβριδής – *hybris* e pelo latim *hybrida* ou *hibrida*⁴. Corresponde também a uma miscigenação ou mistura que violava as leis naturais. Para os gregos o termo

4 Disponível em:

SANTOS SARAIVA, F. R. dos. Novíssimo Dicionário-Latino Português. 12 ed. Livraria Garnier. BH. 2006.

correspondia à desmedida, remetendo ao que é “originário de espécies diversas”, miscigenado de maneira anômala e irregular⁵.

O conceito do híbrido, os significados e seus resultantes foram discutidos na Ciência, testado, enquadrado em sua respectiva ordem e área específica. Para a Biologia – área detentora das primeiras conceituações do termo - uma característica peculiar de uma espécie híbrida - é sua esterilidade. Na maioria das vezes, os dados científicos evidenciam que este resultante tende a infertilidade, ausência de reprodução da espécie. Mas, o que é potencialmente estéril em uma área, ganha caráter de fértil, de aberto, de produtivo em outra. Seu uso nas Artes expõe justamente isso: produção caracterizada por constante desdobramento, fertilidade.

A travessia desses termos – muitas vezes – é executada pelos agentes da Arte. Isso parte por exemplo, da necessidade de apreender a Arte e sua produção, “organizá-la”; de certa forma: classificar, categorizar. A exportação e/ou importação de termos como este, abre discursos, provoca tenuidades e de forma sutil, escapa das teorias, habitando sobre as práticas. Isso por que a subjetividade e o sensível são – entre tantas outras - questões que caracterizam as Artes e são impossíveis de apreender em sua totalidade, ou seja, não são passíveis de controle. Considero esse limiar da Arte determinante em relação a outras áreas. Mesmo descrevendo, registrando, impetrando categorias sobre uma produção artística, seremos surpreendidos pelo “escapular” da obra, através de ligações entre a obra e o receptor, por exemplo. Logo, o uso de alguns termos estrangeiros a área⁶, são maneiras de nomear, de auxiliar na identificação e muitas vezes, na (in)compreensão da proposta. Neste texto, busco seguir esta problemática: utilizar algumas terminologias como ponto de partida, de direcionamento, auxílio e não como ponto de categorização, fechamento.

Assim, é viável, demonstrar aqui, algumas das áreas que o híbrido é exposto. Alguns autores foram escolhidos, e a partir da fala destes, pincelo rapidamente os diversos conceitos. As áreas especificadas no quadro, são apenas norteadoras; uma maneira breve de classificação, mas não de limitação das teorias e de seus respectivos autores. Observa-se também o acréscimo de outra nomenclatura: mestiçagem. Na busca por proposições sobre “hibridismo”, foi notável a manifestação de termos como “mesclagem”, “sincretismo” e “mestiçagem”. Este último, se tornou relevante, por ser usado com ênfase nas Artes Visuais, e por diferenciar do termo aqui proposto: híbrido.

A seguir, alguns autores e suas respectivas abordagens.

⁵ Disponível em: CEIA, Carlos.

Hibridismo.http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=240&Itemid

⁶ O uso do termo “estrangeiro” é usado aqui para ilustrar as palavras que são “migradas” de uma área para outra (sofrem tráficos). Ou seja, palavras que se adaptam fora de sua gênese e são vistas em diversas áreas por possibilitar diferentes interpretações.

Teóricos e definições sobre os termos: hibridismo/híbrido e mestiçagem		
Autor	Área	Conceito
CANCLINI, Néstor Garcia	Sociologia Antropologia	Culturas híbridas: este conceito é idealizado por Canclini (2008) no início da década de 1990 traz o propósito de refletir a modernidade latino-americana. Esta expressão surge para designar o cenário cultural contemporâneo caracterizado não mais por níveis ou compartimentos estanques que separam a cultura erudita da popular, a artesanal da indústria, a étnica arcaica da tecnologia de ponta, a identitária da globalizada. A hibridização refere-se ao modo pela qual modos culturais ou partes desses modos se separam de seus contextos de origem, e se recombina com outros modos ou partes de modos de outra origem, configurando no processo, novas práticas. ⁷
GRUZINSKY, Serge.	História Antropologia	Utiliza e diferencia os dois termos: hibridismo e mestiçagem. Gruzinski emprega o termo “mestiçagem” para designar as misturas que ocorreram em solo americano no século XVI entre seres humanos imaginários e formas de vida, vindos de quatro continentes, América, Europa, África e Ásia. Já o termo “hibridação” é utilizado por Gruzinski na análise das misturas que se desenvolvem dentro de uma mesma civilização ou de um mesmo conjunto histórico. Mestiçagem como processo exógeno e o hibridismo como endógeno.
MCLUHAN, Marshall.	Comunicação Filosofia	O autor aborda o híbrido como o (...) encontro de dois meios, constitui um momento de verdade e revelação do qual nasce a forma nova. O momento do encontro dos meios é um momento de liberdade e libertação do entorpecimento e do transe que eles impõem aos nossos sentidos. ⁸
SANTAELLA, Lucia.	Linguística Comunicação Semiótica	Hibridismo: interconexão entre o físico e o virtual, espaços intersticiais ⁹ . Aqui, o uso do vocábulo “hibridismo” expande-se ainda mais para se referir à

⁷ Para melhor compreensão consultar: COELHO, Teixeira. Dicionário Crítico de Política Cultural. Ed. Iluminuras. SP, 1999. 125p.

⁸ MCLUHAN, Marshall. Os meios de comunicação como extensões do homem. São Paulo, Cultrix. 1969. 75p.

⁹ Com base em SOUZA e SILVA (2006) e LEMOS (2008) Santaella, declara em seu artigo “A ecologia pluralista das mídias locativas” (2008), que “os espaços intersticiais referem-se às bordas entre espaços físicos e digitais, compondo espaços conectados, nos quais se rompe a distinção tradicional entre espaços físicos, de um lado, e digitais, de outro. Assim, um espaço intersticial ou híbrido ocorre quando não mais se precisa “sair” do espaço físico para entrar em contato com ambientes digitais. Sendo assim, as bordas entre os espaços digitais e físicos tornam-se difusas e não mais completamente distinguíveis”.

		interconexão dos espaços físicos de circulação com os espaços virtuais de informação a que os usuários de dispositivos móveis se conectam. “Os espaços híbridos combinam o físico e o digital num ambiente social criado pela mobilidade dos usuários conectados ¹⁰ ”.
VARGAS, Heron.	Artes Música	Aborda especificamente o hibridismo na música. Seus estudos apontam o Hibridismo como instrumento teórico de entendimento da música popular, especialmente a produzida no âmbito cultural mestiço da América Latina. Neste caso um fenômeno híbrido – que ocupa um território de cruzamentos sonoros, poéticos, materiais e simbólicos – reflete a respeito dos trânsitos que a canção permite-se a si própria, englobando constantemente formas e ritmos alheios, vozes, instrumentos e tradições diversas. Seus estudos são baseados em teóricos como Acosta, León, Quintero-Rivera, Gruzinsky, Sandroni.
CATTANI, Icleia Borsa.	Artes Filosofia	Trata as misturas artísticas como “mestiçagem”. Termo proveniente do campo antropológico – se trata especificamente de raças) e nomeia as misturas poéticas e impuras de arte, contaminação entre dois ou mais elementos. Os elementos que se mestiçam ainda são reconhecidos em suas particularidades, mantendo equilíbrio de ambos. A ideia não é fundir, mas mantê-los em pulsação.
NARLOCH, C.	Artes	Dispõe o Hibridismo sob 3 vertentes principais: 1. Estético: com enfoque na interdisciplinaridade de meios e linguagens artísticas, não só entre as Artes Visuais, mas também nas suas relações com a literatura, o teatro, a dança e a música; 2. Científico: com foco na interdisciplinaridade entre Ciência e Arte, na utilização de recursos eletrônicos, físicos, químicos, matemáticos ou biotecnológicos, em prol da criação artística; 3. Hibridismo sociológico: com interferência da globalização e miscigenação de diferentes culturas em questões sociais e políticas universais, utilizadas como temas centrais de criações artísticas.

¹⁰ Para melhor compreensão: SANTAELLA, Lucia. A ecologia pluralista das mídias locativas. Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 37. 2008. | Também disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/4795/3599>

Como já dito, ao pesquisar a respeito do híbrido, depara-se com inúmeras colocações sobre o tema. Temáticas mais extensas (por exemplo, o autor Canclini (2003), ao falar sobre Culturas Híbridas) e temáticas mais exclusivas, como o autor Narloch (2007), que pontua especificamente sobre hibridismos nas Artes.

Fora importante, mesmo que rapidamente, pontuar o leque de conceitos sobre o mesmo tema, e perceber suas tenuidades, similaridades e diferenças. Dentre eles, selecionei a referência exposta pelo autor Narlöch (2007), que trata o hibridismo em três vertentes: estético, científico e sociológico.

O hibridismo estético é constatado nas diversas experimentações que vemos permear as artes: teatro e literatura, música e pintura, dança e escultura. As Artes estão sendo experimentadas a partir de suas próprias possibilidades: artes x artes.

A segunda colocação do autor, em relação ao hibridismo científico, foca na interdisciplinaridade. Mas acredito que vai além disso pois, o hibridismo científico alcança também a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade. As Artes Visuais é constituída por pluralidades e diante dos meios tecnológicos é desdobrada, abrangendo outras áreas. Assim, ao compor com outros meios, forma-se outras narrativas, de ambos os lados.

No terceiro, temos um campo híbrido amplo. A condição humana, o dia a dia, as mudanças sociais, questões políticas e territoriais, caracterizam o hibridismo sociológico que, interferem e movimentam produções artísticas. É natural ver processos criativos que são motivados justamente por hibridizações sociológicas e suas decorrências.

Além dessas questões, há de se ressaltar algo que cresce com todas essas ocorrências: a hibridização de ferramentas. Os materiais tradicionais e específicos de arte, por exemplo, agora dividem espaço com outros instrumentos, que aparentemente, não foram feitos e nem imaginados para o campo artístico. Nesse processo de mesclagens, os materiais sofrem tráficos, passam de materialidades específicas à poéticas.

Se tratando de poéticas híbridas, as ferramentas e os elementos técnicos aparentemente avessos, passam a fazer parte da mesma obra. Sobre a mesma mesa, é encontrado tintas e *hardwares*, pincéis e *softwares*, e assim por diante. Pensar que muitas produções podem, agora, contar com cálculos, cabos, teclas, energia, entre outros. Produzem efeitos que já vimos por meio da pintura, na tridimensionalidade da escultura, e agora numerizados¹¹, deslumbra-nos com sua destreza e exatidão.

Poéticas Híbridas: composições entre pintura e projeção mapeada

As próximas ideias, são proposições baseadas no hibridismo estético e científico (Narloch, 2007), ou seja, é mesclado uma linguagem artística, especificamente a pintura com uma vertente tecnológica, a projeção mapeada. Antes de apresentar a obra, viável é que, sua composição seja aqui exposta.

¹¹ Edmond Couchot (1988) destaca que, a arte numérica é antes de tudo uma Arte da Hibridização. Hibridização entre todas as imagens, inclusive as imagens óticas, a pintura, o desenho, a foto, o cinema, a TV, tornam se híbridos a partir do momento que são numerizados.

A projeção mapeada é um desdobramento claro da hibridização, das possibilidades de encontros das novas mídias com a arte. Empregado para construção de grandes imagens projetadas, este recurso é utilizado principalmente em cenários e intervenções teatrais, principalmente por oferecer efeitos singulares. A projeção mapeada veio inovar a tela bidimensional, comprovando que as imagens não usam somente a superfície plana para ser projetada, ela considera a arquitetura tridimensional, obedecendo aos declínios e perspectivas. O artista agora pode mapear a área desejada, e utilizar diversas linguagens (vídeo, imagem, sons) sobre a área escolhida e projetada.

Para melhor compreensão deste processo, Costa (2011) descreve que as projeções mapeadas sobre o cenário transformam a tela bidimensional em um espaço de visualização arquitetural tridimensional, uma imagem fluida, codificada pelo computador.

A pintura é executada através de um pigmento natural: o café. São feitas aquarelas sobre diversos materiais: lâminas, telas, papéis, molduras, entre outros. As aquarelas que serão apresentadas a seguir (Experimento I), são executadas sobre lâminas/transparências, uma espécie de folha plástica. A escolha da técnica aquarela se dá pela sua simplicidade de materiais e liberdade no ato da pintura. Os traços translúcidos das manchas aguadas e a diversidade dos tons a base de água, são algumas características específicas da aquarela e que a transformaram em um dos clássicos da arte.

A combinação dessas duas vertentes se deu a partir das possibilidades e desdobramentos encontrados na pintura. Considerada um cânone das artes, a pintura e suas instabilidades¹² promoveram em muitos momentos da história da arte, embates e fricções que desencadearam outras rotas e maneiras de pensar a arte. Assim, pensando na pintura como potência que pode ser agregada a outros meios, proponho através de experimentações artísticas o “repensar a pintura” diante das tecnologias.

Experimento I: Uma pausa pois, efêmeros somos nós. 2013.

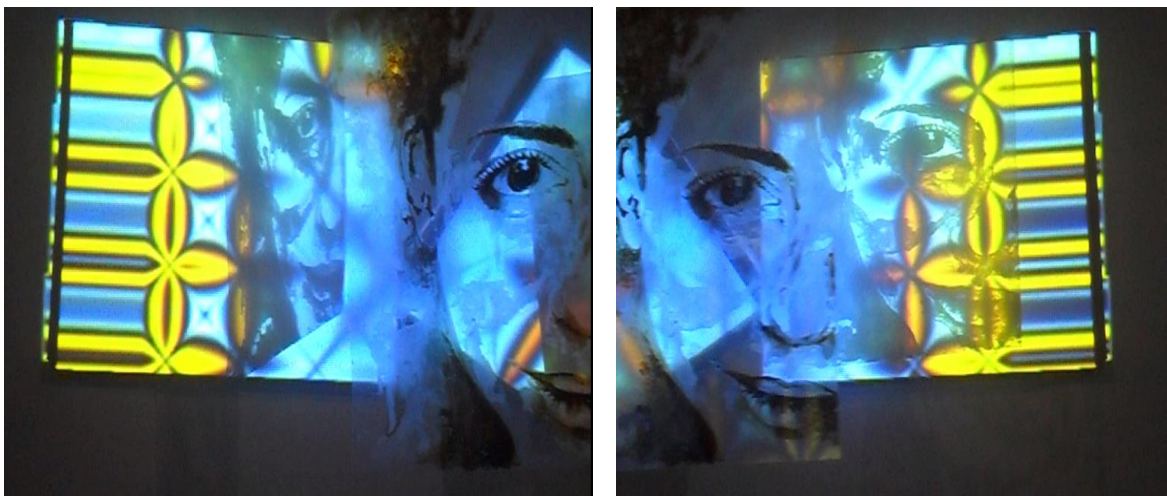
Nesta experimentação, as pinturas são diversas faces pintadas de aquarelas feitas com café (Fig. 2), executadas em lâminas (transparências). A lâmina propõe alguns sentidos: retrata as nossas aberturas, nossa capacidade diária de atravessar e ser atravessado pelo outro, pelo cotidiano, pelo aprendizado, pelo corriqueiro, pela efemeridade. Nessa mesma película transparente, nota-se sua potência, ao dar lugar à dois tipos de pintura: a pintura pigmento e a pintura luz. Na mesma lâmina habita os traços pigmentados pela aquarela café e a projeção que a atravessa em direção a tela.

¹² Temos como exemplo para este momento instável da pintura, o grito de Clement Greenberg: “Decadência!”. Exclamou ele ao se deparar com os novos rumos e propostas da pintura na arte. Nesta perspectiva, esses críticos tinham por certo a pintura pura como principal linguagem que narrava à história mas, essa mesma história havia sido atingida. Logo, quem auxiliava em sua construção também estava fadada ao fim. (Ver, Danto, 2006, p.152).



Fig. 2 – Aquarela Café sobre Lâminas. 2013. 30 x 21 cm

Através do programa de mapeamento – phGIL¹³ - são feitas as projeções mapeadas nas telas. As lâminas se movimentam frente às telas e deixam sombras das aquarelas sobre elas (Fig. 3 e 4). Na tela há um encontro: as projeções de nuances de cores com as faces que aparecem e somem de acordo com a mudança das cores e do movimento da lâmina. Nessas alternâncias de cores projetadas, e no “vai e vem” das imagens, delinea-se a efemeridade das faces na tela (Fig. 5).



(Fig. 3 e 4 – Lâminas (à frente) com projeções na tela (ao fundo).

¹³ phGIL (2013) – softwares específico de projeção mapeada desenvolvido pelo prof. Ms. Paulo Henrique Dias. Desenvolvido em CPP com código aberto, possui interface de fácil acesso para construção das projeções. Disponível em: <http://phdias.wordpress.com/2013/04/03/phdgil-mapping-software/>

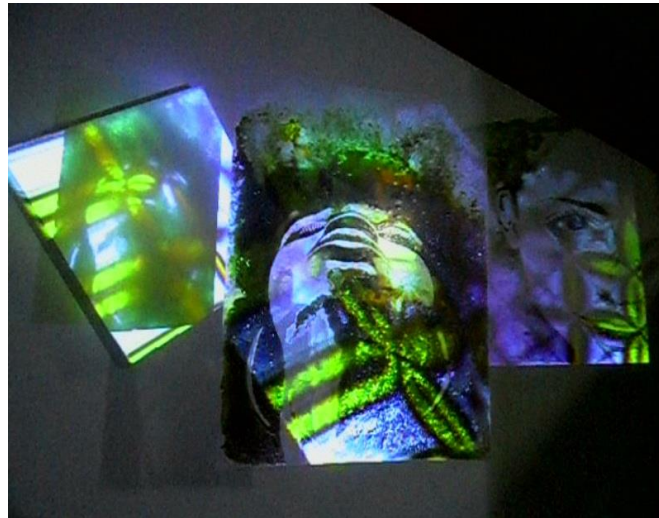


Fig. 5

Durante esse ensaio, o encontro das lâminas com a projeção resultou em uma variável. Esse é um dos pontos culminantes da experimentação: ser surpreendido por poéticas não premeditadas, que “escapolem” do caminho proposto. O movimento das lâminas suspensas geram reflexos translúcidos que se agitam nas paredes, alteram as cores e formas ao mesmo tempo que, atravessam a instalação e fazem movimentos de 360° no ambiente (Fig. 6).

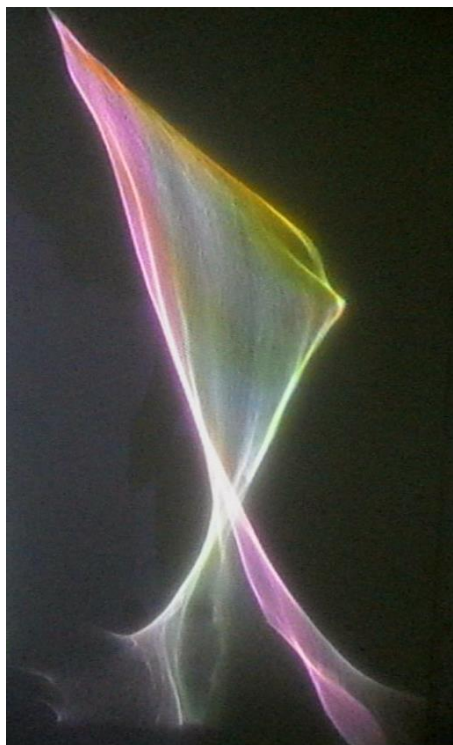


Fig. 6 – Errância

Os imprevistos da poética acentuam os desdobramentos possíveis que ainda podem surgir. A cada lâmina adicionada a obra, aparecem novas figuras como essa (Fig.6), que embebem o ambiente com imagens que além dos movimentos, reproduzem cores e reflexos abstratos. A errância poetizada pela sutileza, e vice-versa.

Considerações finais

Hibridizar é um viés para criatividade, experimentações e descobertas. A hibridização propõe mesclagens das linguagens, dos conceitos, das terminologias, das áreas, dos suportes, entre outros. A medida que se vincula ou agrega os mais variados campos, alcança-se novas aberturas e dilatações. Ao mesmo tempo que as vertentes possuem suas especificidades, são potencializadas pela contaminação das mesmas, ressaltando alguns dos atributos do híbrido: o diverso em conjunto.

Produzir experimentos no campo das poéticas híbridas é trilhar novas rotas e descobrir caminhos inesperados, é passar por um campo minado onde, o que é tradicional, considerado campo concretizado, agora, articula mais que pigmentos, recebe luz, planos ilusórios, signos diferentes, cor, errrâncias. A estrutura se abre para receber uma outra vertente. Não se trata mais de produzir apenas pinturas, mas de embaralhá-las a outros meios, usar suas linhas tênues e aberturas ampliando o espaço de experimentações poéticas.

Durante o processo artístico, percebo que são as trocas, as misturas sem hierarquias que sustentam, de certa forma, os pontos de partida dos experimentos. Importa-se, aproveitar as aberturas e conflitos entre as vertentes, do que solucioná-los (se é que há essa possibilidade). A obra não revoga essas tensões, mas as aproximam, propõe uma nova rota, novos discursos. São justamente as tenuidades e conflitos entre as linguagens que as tornam peculiares e providas de interesse para outras tantas experimentações.

Referências

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo. EDUSP. 2003.

CATTANI, Icleia Borsa (Org.). *Mestiçagens na arte contemporânea*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2007.

CEIA, Carlos. *Hibridismo*. Disponível em:
http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=240&Itemid=2
Acesso em 01/2013

COELHO, Teixeira. *Dicionário Crítico de Política Cultural*. Ed. Iluminuras. SP. 1999. 125p.

COSTA, Paulo Henrique Dias. *Cena-Corpo-Código: Imagens e Codificações do Corpo e da Cena*. Dissertação apresentada a Universidade Federal da Bahia – UFBA. 2011. 108p

DANTO, Arthur C. *Após o fim da Arte: a arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Odysseus Editora. 2006. p.116.

Grunski, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix. 1969.

NARLOCH, C. *Hibridismo*. Disponível em: Publicações Acadêmicas.
<http://publicacoesacademicas.blogspot.com.br/2008/04/hibridismo-categorias-em-xeque-as.html>
Acesso em 02/2013.

Parente, André (org). *Imagem-máquina: a era das tecnologias do virtual*. Rio de Janeiro. Editora 34. 1993.

SANTAELLA, Lucia. *A ecologia pluralista das mídias locativas*. Revista FAMECOS. Porto Alegre. Nº 37. 2008

SANTOS SARAIVA, F. R. dos. *Novíssimo Dicionário-Latino Português*. 12 ed. Livraria Garnier. BH. 2006.

VARGAS, Heron. *O enfoque do hibridismo nos estudos da música popular latino Americana*. (2004).

Disponível em: [http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20\(PDF\)/HeromVargas.pdf](http://www.hist.puc.cl/iaspm/rio/Anais2004%20(PDF)/HeromVargas.pdf)
Acesso em: 02/2013.

Wood, Paul [et alii]. *Modernismo em disputa: a Arte desde os Anos 40*. São Paulo. Cosac Naify. 1998.